

especial

No verão de 1934, com a idéia de levar as Sagradas Escrituras ao alcance linguístico de povos minoritários do Planeta, o norte-americano Willian Cameron Townsend, morto em 1982, fundava um curso básico de linguística, ao qual compareceram apenas dois alunos. O resultado não desanimou Townsend, seus companheiros e, muito menos o governo mexicano que, no ano seguinte, os convidava para pesquisar as línguas autóctones do País.



Margaret Alford destaca interação

Summer descobre os mistérios do índio

Hoje, mais de 4.000 pessoas de várias nacionalidades fazem parte do Summer Institute of Linguistics (sil). Espalhadas em 40 países, entre os quais o Peru e o Brasil, o Summer preocupa-se em apresentar a tradução do Novo Testamento às mais de 170 tribos indígenas existentes, resgatando seu patrimônio linguístico-cultural com a publicação de vários estudos.

O Summer chegou ao Brasil em 1956 e atua em todas as regiões, sobretudo o Centro-Sul. A partir de 1959, os linguistas deram início ao estudo e catalogação de 44 línguas indígenas nacionais, um "trabalho dinâmico" na opinião de Margaret Alford, membro do Departamento de Educação do instituto, em Brasília.

"Graças a convênios assinados com a Funai, os missionários ingressam nas aldeias, e ali permanecem tempo suficiente para conhecer e registrar a cultura. É aí que os indígenas têm oportunidade de conhecer o Novo Testamento e, se for o caso, fazer a opção. O trabalho dos linguistas é mais demorado, pois cada tribo possui sua linguagem e peculiaridades, como o falar feminino e o falar masculino dos Karajá, na ilha do Bananal", revela Margaret.

Cidades

O Summer possui sedes em Belém (PA), Cuiabá (MT) e Porto Velho (RO) e, em cada uma, encontra-se estacionado um pequeno avião. "Cada uma das três aeronaves do Summer tem capacidade para sobrevoar as áreas vizinhas num raio de até 400 quilômetros", explica o diretor-presidente do Summer no Brasil, James Wilson. "Jim", como gosta de ser chamado, explica que, além do avião, o rádio é outro instrumento bastante usado no dia-a-dia dos missionários, responsáveis pela instalação das áreas de trabalho.

O instituto pesquisa as línguas autóctones em três estágios. No primeiro, chamado "técnico", encontram-se obras relativas à gramática e exercícios de fixação das línguas. A etapa "prática" vem a seguir, e nela estão os ensinamentos da linguística, os materiais de linguagem e a prática da fala. A terceira etapa é a "espiritual" que, além de reunir as Sagradas Escrituras, impossibilita o desaparecimento da língua. "Cada livro desta fase representa anos de estudo um

completo registro da língua", observa James Wilson, no Brasil desde 1952.

Em certas épocas do ano, o Summer atua em até 30 tribos. Margaret Alford, uma inglesa que chegou ao Brasil em 1971 em busca de duas amigas que "desenvolviam um trabalho magnífico", não vê nenhum tipo de intromissão no fato do Summer apresentar o Novo Testamento aos povos indígenas.

"Uma coisa é você integrar, a outra é você interagir. Existe a diferença", esclarece Margaret, ao revelar que o Summer optou pela segunda. "Nós fizemos uma interação com os indígenas. Mostramos a todos eles o que existe, e qual a função do nosso trabalho, sempre respeitando os direitos indígenas", justifica-se.

indígenas também recebe comentários de Margaret. "Há tribos completas com apenas 30 índios, outras com 25", conta. "Isto ocorre pela perda da linguagem e, conseqüentemente, da identidade, o que facilita qualquer tipo de extermínio, principalmente o cultural. O Summer resgata a linguagem para que o índio tenha chances de defesa, e para que os brasileiros conheçam uma parte do que, diariamente, o País perde".

Realidade

Este desaparecimento já é uma realidade nas tribos nordestinas, onde "os silvícolas mal usam os vocábulos", diz James Wilson. Contudo, ele não acha que isto seja uma conseqüência da presença branca. "As pessoas podem conviver com duas culturas. Uma é enriquecida pela outra. A relação tem que ser de troca, com todos os indivíduos lucrando", raciocina. Para o diretor-presidente do Summer, o trabalho com o índio significa o casamento da ciência

“ Instituto

faz a tradução

do Novo

Testamento

para 170 tribos ”

com a compaixão, ou da inteligência com a emoção.

"O índio é um ser humano que precisa ser amado, compreendido e ajudado", afirma James Wilson, cuja filha também trabalha junto aos indígenas das ilhas da Papua Nova Guiné, próximas à Austrália.

Em Brasília, a sede do Summer, localizada no final da Asa Norte e vizinha da Fundação Zoobotânica, reúne três blocos. No primeiro, funciona o setor administrativo, e os outros dois abrigam cerca de 50 membros que ali residem, acompanhados de suas famílias. O bloco administrativo concentra salas de estudo, de fotografia e computadores que auxiliam na organização das línguas estudadas. A biblioteca, ali também localizada, possui títulos de Antropologia, Tradução e Letras "dificilmente encontráveis em outras da América do Sul", garante James Wilson.

A matriz do Summer Institute of Linguistics está nos Estados Unidos, de onde sai a maior parte das verbas que também sustentam os integrantes da organização em outros países. Os estrangeiros recebem colaborações de universidades, amigos ou igrejas de seus países de origem, a exemplo de Margaret Alford.

No Brasil, segundo Margaret Alford, o interesse pelo estudo da linguagem indígena provoca pouca curiosidade e ganha raros adeptos, como o professor Arion Rodrigues, da Universidade de Campinas (Unicamp). O Summer possui, hoje em seu arquivo linguístico, cerca de 173 títulos, publicados em inglês e português, além de livros-texto escolares, documentos oficiais, manuais de saúde e arte, e informações práticas sobre agricultura indígena.

População

A questão indígena chega a ser um assunto complicado, problemático e de tratamento difícil, na opinião de James Wilson.

"No Brasil, os indígenas não chegam a dois décimos de um por cento da população normal. Ainda por cima, os indígenas estão dispersos, e cada grupo possui sua especificidade. No Brasil, fica difícil qualquer governo justificar o emprego de pessoal especializado e milhões de cruzados na questão indígena, enquanto milhares de crianças morrem de fome no Nordeste", explica o diretor-presidente do Summer.

Por este motivo, o governo brasileiro necessita da cooperação de grupos particulares estrangeiros que o ajudem na execução de seus programas no setor, diz James Wilson, momentos antes da observação de Margaret Alford.

"Fazer trabalho in loco é difícil, e é preciso trabalhar para sobreviver. Cada linguista deve ser, antes de tudo, um missionário. Nossos pilotos, ao sobrevoarem as aldeias localizadas em locais de difícil acesso, afirmam que, naquele momento, agem com o coração", contra Margaret.

Os primeiros contatos transculturais deste tipo são feitos por pessoas desqualificadas, como madeireiros, seringueiros e o famoso comerciante "regatão", segundo Wilson. Típico empresário amazônico, o "regatão" percorre as terras indígenas extraindo riquezas e, na hora de negociar, serve cachaça abundantemente entre os índios. Margaret Alford afirma que o alcoolismo já é um problema em quase todas as aldeias indígenas, ao lado das doenças venéreas.

Ganância

"Tudo isto é conseqüência da ganância, enorme mal que afeta a raça humana", diz Wilson, antes de contar um episódio que, há dois anos, ocorreu no interior de Rondônia, na tribo dos Suruí, cujo contato com o branco ainda está na primeira geração.

Os madeireiros, segundo ele, invadiram as terras dos Suruí. A preços irrisórios, negociaram a mercadoria com os índios que, logo depois e com algum dinheiro, procuraram a cidade mais próxima da aldeia, onde passaram a noite em companhia de algumas mulheres.

"Isto é o que sempre ocorre, e eles sempre irão gastar o dinheiro obtido com coisas fáceis, já que não precisam poupá-lo por possuírem, de graça, tudo o que a natureza fornece", acredita James Wilson, ao ilustrar com outra recordação os efeitos do rolo compressor da modernidade sobre a cultura indígena.

"Um certo dia, há três anos, um grupo de índios Pataxó nos procurou, depois de dialogar, sem êxito, com as autoridades. Eles queriam que recuperássemos sua linguagem, já totalmente perdida, para que pudessem lutar em defesa de suas terras, constantemente invadidas", relembra o diretor-presidente do Summer no Brasil.

A elaboração de alfabeto para cada língua estudada, e a confecção de material didático para alfabetização na língua materna são mais dois objetivos do Summer, segundo o relações-públicas do instituto, o norte-americano James Lee Walker, no Brasil desde 1973, ano em que trabalhou nas aldeias do interior do Mato Grosso.

Além das Sagradas Escrituras, este um material de valor moral e cívico, o Summer estimula a produção, pelo próprio indígena, de uma literatura autenticamente tribal, explica James.

Recentemente, o Summer lançou o "Pequeno Dicionário da Língua Xavante", dividido em xavante-português e português-xavante. A obra, de 491 páginas, é a décima primeira publicação no gênero e significava uma ponte léxica entre as duas línguas, preenchendo lacuna de material disponível àqueles que assistem à comunidade xavante.

Para os membros do Summer, o registro destas línguas brasileiras faz parte de uma campanha para evitar o desaparecimento deste patrimônio cultural. Cada língua representa um tesouro de conhecimentos, e uma cosmologia distinta que precisa ser preservada e promovida", finalizou James Lee Walker.

Paulo Vasconcelos